

# Uma investigação sobre o ensino da Matemática nas primeiras escolas polonesas do Paraná<sup>1</sup>

An investigation about Mathematic teaching in the early Polish schools at Paraná

Rosane Sousa Staniszewski<sup>2</sup>

## Resumo

Este artigo é parte dos resultados encontrados na dissertação desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática da Universidade Federal do Paraná e aborda a criação das primeiras escolas pelos imigrantes poloneses no Paraná, mais especificamente na cidade de São Mateus do Sul, situada na região sul do estado. O recorte abrange desde a colonização dos imigrantes a partir de 1890 até a nacionalização do ensino, quando Getúlio Vargas proibiu as escolas étnicas no Brasil. Poucos documentos escritos foram encontrados, por isso, através de depoimentos coletados conforme pressupostos metodológicos da História Oral encontramos informações sobre como era o ensino e em particular o ensino da Matemática nesta época. Escolhemos um dos depoimentos da pesquisa que está relacionado aos temas da nacionalização e que desvela alguns dados de como era o ensino da Matemática e as práticas escolares no contexto citado. Pretendemos contribuir dessa maneira para compor mais uma paisagem no cenário da História da Educação Matemática no Brasil.

**Palavras-chave:** Escolas polonesas. Nacionalização do ensino. História Oral. Ensino da Matemática.

## 1 Introdução

Este artigo é um recorte da dissertação de mestrado denominada “Uma investigação sobre o ensino da Matemática nas escolas polonesas em São Mateus do Sul, Paraná” e pretende discernir sobre como foi a criação das primeiras escolas pelos imigrantes poloneses no Paraná e o ensino da Matemática nesses locais.

---

<sup>1</sup> Trabalho publicado nos anais do I SIMPEMAD e republicado no BoEM com autorização da autora. (N.E.)

<sup>2</sup> Mestre em Educação em Ciências e em Matemática da Universidade Federal do Paraná, professora de Matemática, zanestan@gmail.com.

Para tanto, comentaremos sobre as escolas e as dificuldades em mantê-las, a organização das Sociedades-Escolas polonesas, as consequências da nacionalização do ensino introduzido por Getúlio Vargas em 1938.

Iremos discorrer sobre alguns escritores que introduziram uma metodologia de ensino bilíngue e através do depoimento de uma das entrevistadas de nossa pesquisa retiraremos as informações sobre o ensino e as práticas de Matemática que eram utilizadas nesta época para complementar os dados que não encontramos em documentos escritos.

## **2 As escolas polonesas**

Em 1890 inicia-se a colonização polonesa no Brasil. A maioria dos imigrantes foi destinada aos estados do Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo e Santa Catarina. O governo brasileiro não disponibilizou escolas para esses imigrantes, uma vez que já padecia com a carência de mais escolas para as crianças brasileiras, evidenciando um índice de analfabetismo na época acima de 80% da população, e por esse motivo incentivou a construção de escolas étnicas. (KREUTZ,2000).

Deste modo, o elemento polonês, sem qualquer auxílio ou subvenção do Governo, nos albores daquela epopeia colonizadora – tomava inteira iniciativa e o controle sobre a vida de sua comunidade e, particularmente, sobre a instrução de seus filhos, numa terra absolutamente estranha e que, no entanto, em breve, se tornava sua nova Pátria. (GARDOLINSKI, 1977, p. 15).

A maioria dos imigrantes poloneses eram camponeses e não tinham estudo, contudo tinham consciência da importância cultural que deveria ser passada às novas gerações, por isso, ansiavam que seus filhos aprendessem a ler, escrever e fizessem as quatro operações básicas de Matemática: adição, subtração, multiplicação e divisão.

Os colonos, eles mesmos em parte analfabetos, esforçaram-se e tomaram a iniciativa de proporcionarem a seus filhos ao menos o conhecimento das

Uma investigação sobre o ensino da Matemática nas primeiras escolas polonesas do Paraná

primeiras letras e as quatro operações de aritmética. (WACHOWICZ, 2002, p. 23).

Sendo assim, o imigrante polonês teve que se organizar para dar continuidade às suas tradições e para que houvesse um desenvolvimento cultural nas suas comunidades. Primeiramente, angariavam esforços para a construção de uma capela ou igreja e para encontrar um sacerdote polonês que desse a orientação espiritual de que a colônia polonesa necessitava e depois “os colonos passavam, habitualmente, a organizar a escola”. (DEMBICZ, 2007, p.149).

Eram as igrejas, ou paióis de madeira, os locais destinados para o ensino básico. Não havia material escolar nem manuais didáticos e os professores eram pessoas da própria comunidade que aceitavam passar um pouco do conhecimento que tinham às crianças.

[...] além de “lecionarem” nas poucas igrejas existentes, improvisavam galpões e paióis para se transformarem em salas de aula. Não é necessário dizer que as condições de funcionamento desses locais eram precárias. (COLODEL, 1986, p.103).

Portanto, a necessidade de se organizar, defender seus direitos e interesses, de haver uma representação política mais intensa nas colônias e resolver os assuntos relacionados às escolas e às comunidades em geral levaram os colonos a encontrar uma solução. Desse modo surgiu a ideia de construir Sociedades-Escolas, lugares de encontros para que o imigrante pudesse se reunir aos domingos com seus compatriotas e contar como foi a semana, receber autoridades importantes, fazer reuniões e bailes e proporcionar aos jovens um local para o entretenimento e, dessa maneira, arrecadar fundos para poder pagar um professor que eventualmente pudesse lecionar durante a semana.

Esta instituição mista, ou seja, escolar-recreativa, é a primeira manifestação coletiva da aculturação do imigrante polonês no Brasil, obrigado que era, por força das circunstâncias, a procurar uma solução de seus problemas e, simultaneamente, sua integração no novo meio físico e social. (WACHOWICZ, 2002, p. 24)

Em São Mateus do Sul, a exemplo de outros lugares, a solução encontrada para dar às crianças a educação necessária, ensinando pelo menos as primeiras letras e as quatro operações básicas, também foi a criação das Sociedades-Escolas. Cada colônia possuía a própria Sociedade-Escola e instituía suas normas de funcionamento e organização. Essas sociedades seguiam os princípios de uma comunidade, tentavam manter a cultura do povo polonês, mas ao mesmo tempo adaptavam-se à cultura da pátria que os acolheu.

### **3 As primeiras organizações de ensino**

A criação das escolas particulares polonesas ocorreram em várias localidades no Paraná, Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. No dia 9 de outubro de 1876, na colônia de Orleans (PR), foi criada a primeira escola, pioneira das escolas oficiais no Brasil. Na época, o presidente da Província do Paraná, Dr. Adolfo Lamenha Lins, soube da existência de um professor que era pedagogo na região da Lapa e chamou o senhor Jerônimo Durski, procedente da região da Prússia Ocidental e que chegara ao Brasil em 1851 entre os imigrantes da colônia de Dona Francisca, em Joinville, para lecionar em uma escola. (WACHOWICZ, 2002)

Jerônimo Durski é considerado o “pai das escolas polonesas no Brasil”, porque além de ensinar, teve a iniciativa de escrever o “Manual para as Escolas Polonesas no Brasil” em 1891 para que fosse possível aprender e ensinar algo da língua portuguesa. Isso porque ele mesmo sentia dificuldades e não encontrava nenhum material bilíngue que ajudasse tanto na alfabetização de adultos como de crianças. Nesta cartilha a primeira preocupação em relação à Matemática foi reconhecer as medidas que eram utilizadas no Brasil e entender o sistema monetário brasileiro.

Entretanto, nessa época a educação ainda não era valorizada pelos colonos, a distância entre os lugares e as escolas era muito grande, faltavam estradas, faltava apoio de pessoas influentes, faltavam livros, revistas, manuais, material escolar e didático. Em 1920 as escolas ainda se ressentiam pela falta de

professores. Quando havia algum, era comum brigarem com a Sociedade por causa de salários. Gluchowski relata o sofrimento destes profissionais:

Todo aquele que sabe como é pouco lucrativo, sob o aspecto material, o trabalho do professor nas colônias, e com quantas dificuldades muitas vezes precisa lutar ali o mestre para poder de alguma maneira dirigir uma escola, tem involuntariamente um sentimento de sincero reconhecimento para com essas pessoas que, afastadas do mundo e da civilização, condenadas à penúria (que muitas vezes beira a miséria), à falta de companhia adequada, à falta de livros, revistas e quaisquer diversões culturais, dedicam-se com entusiasmo ao trabalho pelo bem do nosso povo, organizando-o, despertando nele o espírito cívico e dando-lhe aquilo que mais lhe falta: a educação. (GLUCHOWSKI, 2005, p.167).

Surge neste período em Curitiba, a União das Sociedades *Kultura* (Cultura); uma organização política que tinha o intuito de ajudar no restabelecimento da Polônia após o fim da Primeira Guerra Mundial e amparar a questão da educação dos poloneses no Brasil. O principal objetivo era tentar agrupar as Sociedades-Escolas, dar melhor atendimento e preparação aos professores e escolas leigas e melhorar o nível dessas instituições. Em 1921 formou-se outro grupo, União das Sociedades *Oswiata* (Educação), com os mesmos alicerces e objetivos, porém incluso em seu programa obrigatório o catecismo.

#### **4 Nacionalização do ensino**

Até 1914 as escolas étnicas não causavam tanta preocupação ao governo, porém, com o advento da Primeira Guerra Mundial voltou a olhar para as comunidades étnicas no Brasil, todavia de um jeito diferente, desta vez a palavra era ameaçadora, principalmente em relação aos grupos alemães.

Em 1922, a lei nº 2157 passa a ser exercida com maior rigidez e o governo do Paraná, “a título de maior nacionalização no ensino, resolveu aumentar as exigências do uso da língua portuguesa nas escolas. Além do mais, os professores deveriam ter habilitação oficial para o magistério” (JESZCZE POLSKA, 1996, p.59). O professor Nicefaro Modesto Falarz, de comum acordo

com as autoridades, conduziu então cursos para preparar os futuros professores em Curitiba e, durante um ano, essa lei foi prorrogada. Eles deveriam ser capazes de ministrar as aulas todas na língua vernácula. Em pouco tempo, cumprindo a lei, qualificaram-se cerca de 156 professores de origem polonesa que passaram pelos exames.

Nos anos 30, o Brasil ingressa em um processo de industrialização e medidas educacionais foram tomadas visando à preparação dos cidadãos para mão de obra qualificada para o setor industrial e comercial e a criação de instituições escolares no meio agrícola. Nesta fase, houve inovação com o intuito de haver democracia na educação, apoiada por educadores e intelectuais, com princípios de cidadania, patriotismo e nacionalidade, aspectos do pensamento nazifascista da era Vargas.

Nesta época o Paraná contava com 167 escolas particulares polonesas (128 escolas funcionavam normalmente, sendo que 8 se encontravam na condição de projeto e/ou construção e 30 estavam fechadas por falta de professor ou outro motivo), no Rio Grande do Sul 128, Santa Catarina 51, Espírito Santo 2 e São Paulo 1, totalizando 349 escolas. (WACHOWICZ, 2002).

Seguindo os preceitos da Nacionalização, o governo de Getúlio Vargas instituiu o Decreto-Lei nº 406, de 4 de Maio de 1938<sup>3</sup>. O capítulo VII deste decreto afirma que nenhuma colônia poderia ser constituída por estrangeiros de uma só nacionalidade. No artigo 41, qualquer escola sendo oficial ou particular deveria ser regida por professores e diretores brasileiros natos. O artigo 42 complementa, “nenhum núcleo, centro ou colônia, ou estabelecimento de comércio ou indústria ou associação neles existentes, poderá ter denominação em idioma estrangeiro”.

No capítulo XVI, explicitava que qualquer disciplina nas escolas deveria ser ministrada em língua portuguesa, não poderia ser ensinada língua estrangeira a menores de 14 anos, todos os livros do ensino primário deveriam ser escritos apenas em língua portuguesa, e nos programas do ensino primário e do ensino

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-406-4-maio-1938-348724-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 08/07/2014.

secundário era obrigatório o ensino da história e da geografia do Brasil; estimulando o patriotismo, utilizando os símbolos nacionais e comemoração das datas cívicas.

Em São Mateus do Sul encontramos nas atas da Sociedade Escolar e Agrícola do Emboque, fundada em 1934, alguns fatos que mostram mudanças ocorridas na Sociedade pelo advento da nacionalização. No dia 31 de maio de 1938, seguindo os preceitos do Decreto-lei nº 383, de 18 de abril de 1938, houve a mudança do nome em polonês da Sociedade Polonesa Gabriel Narutowicz, para Sociedade Agrícola Escolar. Os nomes dos sócios assinados na ata também foram modificados para o português. Quem assinava seu nome como Jan, Adam, Alexander, Franciszek, Stefan, teve que traduzir para o português e passar a assinar João, Adão, Alexandre, Francisco e Estefano, por exemplo.

Criou-se um clima de tensão e medo nas colônias de imigrantes e a identificação étnico-cultural e religiosa passou a viver tempos emudecidos, tendo que esconder sua própria identidade.

Foram muitos os esforços do governo federal e estadual para nacionalizar a infância e a juventude, por meio da escola, durante o Estado Novo. No espaço da escola, respeitava-se a legislação, e os professores evitavam falar ou ministrar aulas em língua estrangeira [...] Mas nem por isso deixou de haver resistências ante a adoção da língua nacional. Apesar da legislação em vigor, as comunidades não abandonaram o legado cultural. Frente à imposição de medidas que objetivavam a formação do cidadão nacional, nas escolas os alunos cantavam vários hinos brasileiros, aprendiam a língua nacional, festejavam as datas festivas do país, mas não esqueciam a cultura do grupo, suas manifestações e representações. (RENCK, 2009, p. 213).

Mesmo muitos anos depois da nacionalização do ensino instituída em 1938, quando as escolas étnicas foram fechadas, era de forma bilíngue que a maioria dos professores ensinavam e continuavam esse processo – já que muitas crianças chegavam à escola e não tinham noção do que o professor estava falando – para elas a língua portuguesa era a língua estrangeira. Em muitos lugares as escolas étnicas particulares foram fechadas e não foram construídas outras em seu lugar, trazendo como consequência o analfabetismo e

prejudicando ainda mais a aculturação dos imigrantes por longos anos. (KREUTZ, 2000).

## **5 E o ensino da Matemática? Como era?**

Embora tenhamos notícias acerca da situação dos imigrantes na época da colonização, a respeito da Matemática encontramos poucos materiais didáticos, pois com o advento da nacionalização vários documentos e livros foram destruídos. Destacamos o livro de Konstanty Lech, professor graduado na Polônia, que trouxe importantes orientações metodológicas e didáticas em *Praktyczne Wskazówki Metodyczne – dla szkół polskich w Brazylii* – “Normas prático-metodológicas para as escolas polonesas no Brasil”, publicado em Curitiba em 1926, no qual é relatado que as aulas de Linguagem e História, por serem mais “atraentes” deveriam ser ministradas no primeiro horário deixando as mais complexas, como Aritmética, para o segundo horário.

Na 1ª aula, os alunos ainda não se encaminham mentalmente para o trabalho; devem-se dar, portanto, nesse horário, as aulas mais interessantes, como linguagem ou História. No 2º horário, que é o mais produtivo, devem-se colocar as aulas mais difíceis, ou sejam, de Aritmética. (WACHOWICZ, 2002, p.82).

Havia um conceito naquela época – em que os conteúdos escolares começavam a ser organizados e a Matemática ainda era somente Aritmética – que era considerada uma disciplina difícil e pesada de ser assimilada, como consta neste trecho de Wachowicz:

Fato curioso ocorria com a cadeira de aritmética, matéria considerada pesada na escola primária, para a qual, devido à dificuldade de compreensão rápida e perfeita por parte dos alunos, o ensino era frequentemente realizado de forma bilíngue, o que beneficiava a aprendizagem dos alunos. (WACHOWICZ, 2002, p.72).

Para preencher algumas lacunas que ainda faltavam sobre o ensino da Matemática utilizamos a metodologia da História Oral como uma prática de elaboração de documentos através da coleta de depoimentos. Segundo Garnica (2006) não se trata de negar a importância de fontes primárias como arquivos,

monumentos e tantos outros registros possíveis, mas (re)constituir algumas das várias versões da história considerando nesse processo elementos da memória de atores que vivenciaram certos contextos e situações.

Através da História Oral é possibilitado às pessoas entrevistadas transmitirem suas vivências e relatarem como era o ensino desta disciplina, formando assim um conjunto de representações e memórias por elas preservadas.

A História Oral, além de utilizar depoimentos que possibilitam uma composição mais nítida de cenários e paisagens da história, delineando com maior riqueza os detalhes, traz à tona outra questão que consideramos não menos importante: o resgate da palavra, do dito, da oralidade. (GAERTNER, 2004, p. 153).

Para a composição da nossa pesquisa entrevistamos quatro senhoras que são descendentes de poloneses, cursaram o primário e tiveram professores que ministravam aulas em polonês. Escolhemos o depoimento da senhora Danuta Brongiel Janoski, de 82 anos, para desvelar alguns dados pois ela estudou durante o período da nacionalização e trouxe indicações relevantes de como era o ensino da Matemática e as práticas escolares no contexto citado. Ela nos relatou:

*Estudei até o quarto ano, comecei com 6 anos, acho que fiz dois anos no segundo ano. Foi isso aí. Estudei no colégio e depois tive um professor que apareceu pra dar aula em polonês, ele dava aula no antigo Clube Unbenau que antes era escola. A escola não tinha nome, era uma Sociedade. Os pais é que pagavam a mensalidade, meu avô e a minha família eram sócios. Nesse Unbenau, embaixo era a sociedade e em cima as salas, a escola. Você subia uma escada e ia lá pra cima e embaixo faziam os bailes.<sup>4</sup>*

Sobre a Nacionalização do ensino dona Danuta contou que passou por essa transição e era proibido falar em polonês: “*Estudei dois anos em polonês então proibiram... O Getúlio Vargas que proibiu. Não podia mais estudar em polonês, nem falar nada, nada... Estava proibido, mas em casa a gente sempre falava*”.

---

<sup>4</sup> Para facilitar a leitura, este e os demais trechos retirados do depoimento da senhora Danuta Brongiel Janoski estão em itálico.

A respeito do ensino da Matemática a depoente afirmou que era muito “fácil”:

*Eu não me lembro se aprendi a Matemática nas duas línguas. Mas acho que só em uma língua. Mais, menos, dividir, multiplicar e os problemas. E os probleminhas tinham bastante, tão fácil...*

Como exemplo de “probleminha” de Matemática, dona Danuta lembrou de um problema que era da época em que seus filhos iam para a escola e descreveu:

*Quando meus filhos foram para a escola, tinha aquela questão de problemas que dizia: minha mãe mandou comprar quantas dúzias de ovos, custou tanto, daí eu gastei tanto, o que me sobrou? Tinha que fazer quanto que sobrou...*

Ela considera a Matemática e o que aprendeu muito simples: “*Naquela época não tinha nada assim de importante, era tudo simples*”. (...) “*Eu gostava de Matemática, gostava sim*”, complementa Dona Danuta.

Os professores usavam o sistema de decorar “pontos”, isto é, os conteúdos deveriam ser decorados para depois serem avaliados através das sabatinas.

*O professor passava tudo no quadro e tinha que fazer cópia: “façam a cópia tal, assim e assim”. Nossa, mas tinha tanta coisa, umas três, quatro páginas, mais três, quatro páginas!!! Tinha que fazer dever de casa de Matemática, e bastante! Estudar tabuada e todo o dever de casa tinha que fazer pro outro dia, quando ia pra escola precisava saber tudo. Hoje ninguém faz dever de casa (...) eu gostava de fazer problemas, e a parte de pontos. A gente chamava de pontos. (Danuta B. Janoski)*

Aos sábados eram feitas as sabatinas – provas com recapitulações dos conteúdos vistos durante a semana. As provas geralmente aconteciam por meio de questionários com perguntas e respostas e eram realizadas de forma oral ou escrita. A depoente afirmou que hoje ninguém mais faz tarefas de casa observando suas netas que têm tudo pronto com o acesso à internet. Os professores eram muito severos na época, mas ela não sofreu com isso pois afirmou que era uma ótima aluna.

Observamos que os conteúdos matemáticos que dona Danuta mais recordou foram a tabuada e as quatro operações básicas que ela define como

mais, menos, multiplicar e dividir, a resolução dos “probleminhas” e que não tinha dificuldade em aprender Matemática. A tabuada, assim como outras matérias como geografia e história por exemplo deveriam ser memorizadas através da repetição decorando os “pontos” exigidos pela escola.

## **6 Considerações finais**

O imigrante polonês que veio ao Brasil, em sua maioria camponês, considerado ingênuo e sem cultura, agiu de forma hábil. Foi através de escolas improvisadas e professores escolhidos no meio da comunidade que a educação teve seu início nas colônias polonesas. Isolado de muitos centros, organizou as Sociedades-Escolas, onde além da educação para seus filhos tinha um centro de entretenimento para a comunidade.

Nas escolas polonesas frequentemente os professores ensinavam a Matemática de forma bilíngue para melhor compreensão por parte dos alunos. Os primeiros conteúdos matemáticos eram direcionados ao sistema monetário nacional e as medidas utilizadas no Brasil. Denominada apenas Aritmética na época, encontramos nos documentos escritos que a disciplina era considerada “pesada e difícil”.

Percebemos uma incoerência entre os documentos encontrados e a oralidade utilizada na metodologia da História Oral sobre o nível de dificuldade do ensino de Matemática. Nas palavras e memórias de uma de nossas depoentes citadas no texto, foi relatado que tinha que estudar bastante, decorar os pontos e a tabuada, mas na sua opinião, a Matemática era considerada “fácil e simples”. Essa expressão evidencia a representação que a Matemática teve em sua vida, relacionada também ao fato de que ela gostava dessa disciplina.

Com os decretos nacionalistas de Getúlio Vargas, a difusão da cultura polonesa nas escolas, sociedades e até mesmo nas igrejas foi quase extinta. O medo do proibido e de sofrer represálias caso desacatassem as imposições do governo, fez com que por muitos anos o imigrante polonês e seus descendentes ficassem calados numa apatia constante. Muitos documentos foram queimados e,

por conseguinte, os imigrantes passavam a seus descendentes apenas oralmente sua cultura e conhecimentos.

Portanto, ao tentar compor cenários que constituíram rastros de como se apresentava o ensino da Matemática nas escolas de colonização polonesa passando pelo período da nacionalização do ensino, esperamos contribuir para a cultura histórica e social de um povo e região e para a História da Educação Matemática no Brasil.

## Referências

- COLODEL, Jair. A. **São Mateus na ótica dos cronistas imigrantes: 1890 a 1908.** Curitiba: [S.n.], 1986.
- DEMBICZ, Andrzej. Polono-Brasileiros. In: SCHR, Z. M.(org.). **Polônia e Polono-Brasileiros: história e identidades.** Curitiba: Vicentina, 2007. p. 131-158.
- GAERTNER, Rosinéte. **A Matemática Escolar em Blumenau (SC) no Período de 1889 a 1968:** da Neue Deutsche Schule à Fundação Universidade Regional de Blumenau. 248 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.
- GARDOLINSKI, Edmundo. **Escolas da colonização polonesa no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1977.
- GARNICA, Antonio V. M. História Oral e Educação Matemática. In BORBA, M. de C. e ARAÚJO, J de L. **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 79-100.
- GLUCHOWSKI, Kazimierz. **Os poloneses no Brasil:** subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil. Tradução de Mariano Kawka. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2005.
- JESZCZE POLSKA. **Exposição Comemorativa 125 anos da imigração polonesa no Paraná.** Banestado/Decos,1996.
- KREUTZ, Lúcio. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. In: **Revista Brasileira de Educação,** São Leopoldo, n. 15, p. 159-176, 2000.
- RENCK, Valquíria E. **Aprendi a falar português na escola!** O processo de nacionalização das escolas étnicas polonesas e ucranianas no Paraná. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Curitiba, Curitiba, 2009

Uma investigação sobre o ensino da Matemática nas primeiras escolas polonesas do Paraná

WACHOWICZ, Rui. C. **As escolas da colonização polonesa no Brasil**. Curitiba, Champagnat, 2002.